

# RADAR ÁSIA-PACÍFICO

Abril 2023

RADAR ÁSIA-PACÍFICO  
Abril 2023  
v.2 n.4



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO  
PUC-RIO

# SOBRE A LIGA DE ESTUDOS ÁSIA-PACÍFICO

A Liga de Estudos Ásia-Pacífico (LEAP) é um projeto extracurricular idealizado e desenvolvido por alunos do curso de graduação de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por meio de atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão, a LEAP tem por objetivo principal aprofundar a contribuição dos discentes da universidade nos debates acadêmicos acerca das questões de cooperação, conflito, política e cultura dos países da Ásia-Pacífico.

O Radar Ásia-Pacífico é a análise de conjuntura mensal escrita pelos ligantes da LEAP, com a finalidade de discutir os temas latentes que dizem respeito à cooperação e conflito na região no último mês.

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)s autor(a)(es) não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

## **EQUIPE LEAP**

### **Professor coordenador da LEAP**

Diego Santos Vieira de Jesus

### **Presidentes da LEAP**

Maria Gabriela Veloso Camelo

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

### **Diretores da LEAP**

Mariana Azevedo Soares Quintanilha

Sofia Mendes Magalhães

Beatriz Nardy de Queiroz

## **RADAR ÁSIA-PACÍFICO**

Abril/2023. Rio de Janeiro.

PUC - Liga de Estudos Ásia-Pacífico

33p; 29,7 cm

1. Ásia-Pacífico;
2. Cooperação;
3. Conflito;



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO  
PUC-RIO

# SUMÁRIO

1

## **RELAÇÕES ÍNDIA-JAPÃO: POR UM INDO-PACÍFICO “LIVRE E ABERTO”**

Gabriel Porto Póvoas  
Renan Guimarães Canellas de Oliveira

2

## **CHINA E ASEAN BUSCAM APROFUNDAR RELAÇÕES**

Maria Gabriela Veloso Camelo  
Luiza Simões Bethlem Monteiro

3

## **A CRISE ECONÔMICA NO PAQUISTÃO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

Beatriz Fernandes Lira Cavalcante  
Laura Simões Jordão

4

## **COOPERAÇÃO E LIDERANÇA DA AUSTRÁLIA INTENSIFICAM A SEGURANÇA NA REGIÃO DA ÁSIA-PACÍFICO**

Matheus Lopes de Albernaz  
Sofia Mendes Magalhães

5

## **OS NOVOS CAPÍTULOS DA RELAÇÃO INDONÉSIA-SINGAPURA: PRAGMATISMO, SEGURANÇA E DESENVOLVIMENTO**

Guilherme Uram  
Mariana Azevedo Soares Quintanilha

6

## **AS ELEIÇÕES NA TAILÂNDIA**

Beatriz Waehneltd da Silva  
Samia Abinader Franco

7

## **O JAPÃO E FLEXIBILIZAÇÃO DE RESTRIÇÕES**

Fábio Antonio Gomes de Carvalho Almeida  
Rubens Americano Alves de Brito Araujo

# 1

## RELAÇÕES ÍNDIA-JAPÃO: POR UM INDO-PACÍFICO “LIVRE E ABERTO”

Gabriel Porto Póvoas

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

Em março deste ano, o primeiro-ministro japonês, Fumio Kishida, realizou uma visita à sua contraparte indiana, Narendra Modi, com a expectativa de fortalecer laços historicamente construídos entre os dois Estados asiáticos e de renovar relações Indo-Pacífico de modo aberto e com colaboração em áreas de interesse mútuo. O encontro surge num complexo contexto internacional, marcado pela agressão russa à Ucrânia, bem como pelo avanço político,<sup>1</sup> econômico e militar da República Popular da China - que também se apresenta como uma figura mediadora entre Moscou e Kiev<sup>2</sup>(BASU, 2023). Neste contexto, pode-se dizer que são evidentes alguns dos combustíveis para o revigoramento de já datadas conversas sobre a cooperação no Indo-Pacífico, tendo em vista a cada vez mais fortalecida predominância chinesa no cenário internacional em detrimento de japoneses e indianos.

Há aproximadamente duas décadas, o Indo-Pacífico tem sido alvo de atenção internacional, muito devido ao comportamento assertivo chinês na região. Pactos como o AUKUS – aliança tripartite de 2021 entre Estados Unidos (EUA), Reino Unido e Austrália – e especialmente o Quad - fórum estratégico informal entre EUA, Japão, Austrália e Índia, retomado após tentativas de revitalização por parte dos EUA – foram fortalecidos. Mais recentemente, a intensificação dos diálogos nipo-indianos fez-se necessária para enfrentar um dilema que abalou o equilíbrio de poder na região: o protagonismo de Pequim na gestão de diversas questões político-econômicas no Leste e no Sudeste da Ásia".

Na ocasião do encontro, Kishida discursou, em Nova Délhi, sobre seu novo programa estratégico para a região, indicando a importância da cooperação com a Índia. O premiê japonês destacou que a comunidade internacional passa por um momento de mudanças: equilíbrio de poder

---

<sup>1</sup> A China tem se consolidado como uma potência política e econômica em escala global, investindo significativamente em países em desenvolvimento e ampliando sua influência em organizações internacionais. Além disso, a China tem buscado estabelecer parcerias estratégicas com outras nações – como a Rússia – ao passo que defende a soberania territorial ucraniana, o que pode ser considerado como uma tentativa de se colocar como pacificadora global (THE DIPLOMAT, 2023).

<sup>2</sup> O encontro de Fumio Kishida e Narendra Modi foi marcado por visitas de Xi Jinping a Moscou, bem como pelo ensaio de uma disposição por parte da China em manter relações também com Kiev, o que demonstra um passo adiante na direção de mediar negociações de paz entre ambos os lados (THE DIPLOMAT, 2023).

incerto, causado, principalmente, pelo crescimento da importância do Sul Global para a política internacional. Ainda nesse sentido, Kishida apontou para a falta de diálogo e concordâncias entre os países, dando como exemplo a agressão russa à Ucrânia, e como a comunidade internacional reagiu de diferentes formas. Além disso, Kishida reiterou que o Japão condena veementemente a agressão da Rússia contra a Ucrânia – Modi também expressou a Putin que "a era atual não é de guerra". Segundo o próprio primeiro-ministro japonês, "o Japão se opõe a quaisquer mudanças unilaterais no status quo por meio da força em qualquer lugar do mundo".

Ao terminar o discurso, Kishida afirmou que, devido à tradição democrática da Índia e do Japão, ambos os países têm a responsabilidade de manter e fortalecer "uma ordem internacional livre e aberta baseada no Estado de Direito" (KISHIDA, 2023). O premiê japonês afirmou, ainda, que a Índia é a "maior democracia do mundo" e que ele sempre "admir[ou] com grande respeito a maneira como um país tão enorme e diverso como (...) desenvolveu a democracia" (KISHIDA, 2023). No entanto, essas declarações coincidem com um momento ímpar da política doméstica indiana: o país é liderado por um Governo assumidamente de extrema-direita, com um viés nacionalista-hindu e que tem tido, desde 2014, diversas políticas que cercearam direitos civis de minorias étnico-religiosas, como dos muçulmanos.

O discurso de Kishida se insere na lógica do "Free and Open Indo-Pacific" (FOIP), estratégia de política externa do governo japonês que se baseia em três principais pilares: (1) promoção e estabelecimento do estado de direito, liberdade de navegação e livre comércio; (2) busca da prosperidade econômica (melhoria da conectividade, por exemplo); (3) compromisso com a paz e a estabilidade (desenvolvimento da capacidade de fiscalização da lei marítima, por exemplo) (MOFA, 2023).

Não obstante, é necessário compreender os motivos escusos por trás dessas novas negociações – ou novos debates – que perpassam não somente por temas desenvolvimentistas, mas sobretudo pelo tema da segurança. É nítido que a renovação de antigas estruturas – como o AUKUS e o Quad, por exemplo – e o surgimento de reuniões como a que ocorreu entre Kishida e Modi, são resposta direta à ampliação da influência político-econômica chinesa, somado a esforços de Tóquio em evitar a emergência de uma ordem regional sinocêntrica. A verdade é que, com a China se estabelecendo cada vez mais

como protagonista global em relações diplomáticas – como é o caso com a questão ucraniana, com o Talibã e mais recentemente um fortalecimento de suas relações com a América Latina –, bem como seus procedimentos em Taiwan, no sul da Ásia e no sudeste asiático, fazem ressurgir a necessidade de pensar as implicações de segurança regional causadas pela consolidação de poder chinês e as desarmonias causadas no equilíbrio de poder com o estabelecimento da China junto dos Estados Unidos em nível global e da China e seus vizinhos – como o Japão e Índia – em nível regional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASU, Titli. India-Japan Relations: Out of the Shadow of Ukraine. *The Diplomat*, 21 mar 2023. Disponível em <https://thediplomat.com/2023/03/india-japan-relations-out-of-the-shadow-of-ukraine/>. Acesso em 15 abr 2023.

KISHIDA, Fumio. The Future of the Indo-Pacific - Japan's New Plan for a "Free and Open Indo-Pacific" - "Together with India, as an Indispensable Partner". *MOFA of Japan*, 20 mar 2023. Disponível em <https://www.mofa.go.jp/files/100477739.pdf>. Acesso em 17 abr 2023.

MOFA of Japan. New Plan for a "Free and Open Indo-Pacific (FOIP)". *MOFA of Japan*, 2023. Disponível em <https://www.mofa.go.jp/files/100477660.pdf>. Acesso em 15 abr 2023.

# 2

## CHINA E ASEAN BUSCAM APROFUNDAR RELAÇÕES

Maria Gabriela Veloso Camelo

Luiza Simões Bethlem Monteiro

A China é um dos principais atores e um parceiro comercial fundamental para os países do Sudeste Asiático. A relação entre a potência mundial e os Estados da região é histórica e relativamente estável, apesar de todas as disputas territoriais que já aconteceram e ainda seguem em curso. Entretanto, nota-se que a cooperação entre a China e a Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) tem crescido exponencialmente nos últimos anos (BAN; QIN, 2021).

Em 2023, dois marcos importantes da cooperação entre China e ASEAN chamam atenção: o 10º aniversário da construção de uma relação entre China-ASEAN;<sup>1</sup> e o 20º aniversário da adesão chinesa ao Tratado de Amizade e Cooperação no Sudeste Asiático. O atual Ministro das Relações Exteriores da República Popular da China, Qin Gang, chegou a afirmar no início deste ano que a China está disposta a colaborar com a ASEAN a fim de colocar em prática a Iniciativa de Civilização Global (ICG).<sup>2</sup> A declaração de Qin pareceu indicar também um maior comprometimento chinês em aprofundar a parceria com a ASEAN, buscando uma espécie de relação mais equilibrada e vantajosa para ambas as partes. O ministro chegou a afirmar em reunião que a ASEAN é uma das organizações de cooperação regional mais bem-sucedidas, e sua posição se tornou ainda mais importante no contexto de grandes mudanças no cenário global e regional.

A associação é um bloco regional, criado em 1967 e efetivamente normatizado em 1976 e é atualmente composto por 10 países. Em sua criação, a questão central era a cooperação e a paz entre os Estados-membros e o respeito de suas devidas soberanias. Hoje o bloco visa ao desenvolvimento econômico, social e cultural da região do Sudeste Asiático. Esses objetivos são feitos por meio da interação dos países membros através da cooperação e interação em

---

1 A Comunidade China-ASEAN é uma comunidade de cooperação e integração econômica entre a China e os países membros da ASEAN, lançada em 2003, com o objetivo de promover o diálogo político, a cooperação econômica e o intercâmbio cultural entre as duas partes.

2 A Iniciativa de Civilização Global (ICG) é uma proposta da China que busca promover um diálogo intercultural e melhorar a compreensão mútua entre países e regiões com diferentes histórias, culturas e religiões. Ela foi lançada pelo presidente chinês Xi Jinping em 2015, como uma iniciativa para ajudar a construir uma comunidade global de interesses comuns e responsabilidades compartilhadas. A ICG tem como objetivo promover o intercâmbio e a cooperação em áreas como ciência, tecnologia, educação, cultura, turismo e esportes, com o objetivo de promover a paz e a estabilidade internacionais.

áreas como investimento, comércio, educação, segurança, meio ambiente, entre outros setores. As iniciativas para o desenvolvimento dessas áreas foi a criação de três comunidades da ASEAN, a Comunidade Econômica ASEAN, a Comunidade Política e de Segurança ASEAN e a Comunidade Sociocultural. Cada uma possui uma meta específica. A primeira visa a uma maior integração econômica da região, incluindo a livre circulação de bens. A segunda está relacionada a assegurar a democracia e a paz na região. E por fim, a terceira busca promover a cultura regional dos membros da ASEAN.

O que é importante, no entanto, é fortalecer a essência de diversificação dos parceiros muito presente na ASEAN, o que influencia muito nas parcerias e acordos firmados pela associação. Mesmo observando a recente aproximação com a China, é possível notar que o bloco não fechou as portas para nenhum outro parceiro, firmando acordos tanto com nações do ocidente, quanto do oriente.

Voltando ao panorama histórico da associação, vale lembrar da gradativa implementação da zona de livre comércio entre os Estados-membros, que vem sendo desenvolvida desde 1992. O propósito de tal zona é reduzir as tarifas comerciais e aumentar a competitividade na região. Uma das importantes medidas deste processo foi a Parceria Econômica Regional Abrangente,<sup>3</sup> que busca ampliar as negociações da zona para fora do sudeste asiático, como para com a China, por exemplo, a fim de impulsionar o crescimento econômico regional.

Além de todas as questões históricas que envolvem a relação entre China e ASEAN, é necessário observar esta aproximação recente também após o pico da pandemia na região. A pandemia da Covid-19 trouxe diversos desafios para o Sistema Internacional e demonstrou uma maior necessidade de cooperação, o que despertou um maior senso de urgência na promoção da cooperação, seja bilateral, multilateral ou internacional em muitos dos países da região, dadas algumas exceções. Esse foi exatamente o caso entre China e ASEAN.

---

<sup>3</sup> A Parceria Econômica Regional Abrangente (RCEP, na sigla em inglês) é um acordo de livre comércio assinado em novembro de 2020 entre 15 países do Leste Asiático e do Pacífico, incluindo China, Japão, Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia e 10 membros da ASEAN. O acordo visa aprofundar as relações econômicas entre os países signatários, reduzindo as tarifas de importação e exportação, além de harmonizar as regulamentações comerciais e de propriedade intelectual. O RCEP abrange cerca de 30% do PIB global e da população mundial, tornando-se o maior acordo comercial regional do mundo. A China tem sido vista como uma das principais impulsionadoras do RCEP e espera-se que o acordo fortaleça sua posição como líder econômico na região Ásia-Pacífico.



Peng (2023), afirmou que: “Apesar de algumas tensões que emergiram no ano passado durante a pandemia, China e ASEAN têm uma base sólida de parceria que remonta a décadas e que abrange economia, política, segurança e cultura. [...] Há muito espaço para maior cooperação e colaboração entre as duas partes, especialmente em áreas como saúde pública, comércio, investimento, desenvolvimento de infraestrutura, tecnologia e meio ambiente.” (PENG, 2023). A Covid-19 acabou aproximando, não só, mas também a China e os países da ASEAN, já que ambos os lados notaram a importância de trabalhar juntos no combate à pandemia.

Durante esse período, a ASEAN se tornou uma das maiores parceiras chinesas, substituindo os Estados Unidos e a União Europeia, principalmente no que se refere ao volume de comércio. Além disso, a China tem se aproximado mais da ASEAN em termos de parcerias estratégicas para desenvolvimento, incluindo a iniciativa "Cinturão e Rota" e a criação de um fundo de investimento conjunto de US\$10 bilhões para apoiar projetos de infraestrutura na região. A aproximação geográfica e a interdependência econômica fez com que o bloco econômico fortalecesse seu status de prioridade diplomática de vizinhança da China. A cooperação entre ASEAN-CHINA pode trazer muitos benefícios para o crescimento da região.<sup>4</sup>

No contexto da desaceleração econômica global, a Ásia é uma região prevista com a aceleração do seu ritmo do crescimento econômico geral, aponta o relatório. O grande progresso da China na política mundial contribui com grandes benefícios para os Estados-membros da ASEAN.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ba, A. D., & Qin, T. (2021). China and ASEAN Cooperation in the South China Sea: A Decade of Progress and Challenges. *Asian Journal of Peacebuilding*, 9(2), 177-201. Disponível em: <https://www.eajournals.org/wp-content/uploads/China-and-ASEAN-Cooperation-in-the-South-China-Sea-A-Decade-of-Progress-and-Challenges.pdf> Acesso em: 29 mar. 2023

---

<sup>4</sup> De acordo com o relatório divulgado pelo Fórum Boao (FBA), a taxa ponderada de crescimento real do PIB da Ásia em 2023 é estimada em 4,5%, um aumento em relação a 2022

CGTN. Chinese foreign minister meets ASEAN secretary-general in Beijing. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2023-03-27/Chinese-foreign-minister-meets-ASEAN-secretary-general-in-Beijing-1iwdBA44Y6Y/index.html>. Acesso em: 27 mar. 2023.

Ministério das Relações Exteriores da República Popular da China. (2022, 17 de dezembro). Foreign Ministry Spokesperson Hua Chunying's Regular Press Conference on December 17, 2022. Recuperado em 30 de março de 2023, de [https://www.fmprc.gov.cn/web/gjhdq\\_676201/gj\\_676203/yz\\_676205/1206\\_676323/sbgx\\_676329/t1877296.shtml](https://www.fmprc.gov.cn/web/gjhdq_676201/gj_676203/yz_676205/1206_676323/sbgx_676329/t1877296.shtml).

PEOPLE'S DAILY ONLINE. China apoia ASEAN para fortalecer cooperação pragmática. Disponível em: <http://portuguese.people.com.cn/n3/2023/0329/c309807-10228639.html>. Acesso em: 29 mar. 2023.

PEOPLE'S DAILY ONLINE. Secretário-geral da ASEAN apela para elevar parceria ASEAN-China a novo patamar. Disponível em <http://portuguese.people.com.cn/n3/2023/0328/c309806-10228279.html>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SCMP. ASEAN emerges as China alternative as US role as cheerleader for globalisation fades. Disponível em <https://www.scmp.com/week-asia/economics/article/3215282/asean-emerges-china-alternative-us-role-cheerleader-globalisation-fades>. Acesso em: 27 mar. 2023.

The Diplomat. Will China-ASEAN Relations Take a Turn for the Better Post-Pandemic? Disponível em <https://thediplomat.com/2023/01/will-china-asean-relations-take-a-turn-for-the-better-post-pandemic/>. Acesso em: 27 mar. 2023.

# 3

## A CRISE ECONÔMICA NO PAQUISTÃO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Beatriz Fernandes Lira Cavalcante  
Laura Simões Jordão

Um dia de comida custando metade de um salário diário; falta de empregos para diaristas – 60% da força de trabalho no país; impossibilidade de pagar o aluguel; inflação desenfreada com recorde histórico de 46,7%; mês do Ramadã<sup>1</sup> (HUSSAIN, 2023). Esse é, em poucas palavras, o cenário que o Paquistão vem enfrentando. Porém, antes de apresentarmos as causas da crise econômica no país, é necessário apresentar as suas consequências para a população e, especialmente, para os mais vulneráveis e marginalizados.

O aumento de preços dos alimentos e da insegurança alimentar no país vem trazendo, não só em 2023, mas também em anos anteriores, consequências graves para essa parcela vulnerável da população que, mediante o aumento do preço das necessidades básicas, começa a presenciar casos e tentativas de suicídio entre famílias inteiras, desesperadas pela impossibilidade de suprir o básico (GUPTA, 2023; JAIN, 2023). Como exposto por Summaiya Tariq, médico, em seu perfil no Twitter, um dos casos de tentativa de suicídio familiar que recebeu tem “causa dada como desemprego e incapacidade de pagar as despesas básicas. Isso é no meio de Karachi. Surjani Town<sup>2</sup>e, se for verdade, fala/índica a nossa apatia coletiva. Não consigo nem começar a imaginar a impotência de uma família que procurou refúgio na morte.”<sup>3</sup>(TARIQ, 2023, tradução nossa)

O relato de Tariq representa, então, a dura realidade que o Paquistão enfrenta, envolvendo até mesmo enchentes devastadoras em 2022 (REUTERS, 2023). Atualmente, de forma complementar, o país também enfrenta um aumento

---

<sup>1</sup> Sendo o 9º mês do calendário islâmico, período em que os primeiros versículos do Alcorão foram revelados ao profeta Muhammad, o Ramadã é o mês sagrado dos muçulmanos, que fazem orações, jejuam diariamente, e evitam fumar e ter relações sexuais durante o dia. Para aqueles com condições físicas e financeiras, o jejum deve ser mantido entre o nascer e o pôr do sol e tem como objetivo aproximar os fiéis de Deus, sendo uma forma de purificação física e espiritual na qual é possível lembrar do sofrimento dos menos afortunados. (VIGGIANO, 2023)

<sup>2</sup> A cidade de Surjani está localizada no subúrbio de Karachi, fortemente afetada pelas enchentes de 2020.

<sup>3</sup> No original: “Cause given as joblessness and inability to make ends meet. This is in the midst of Karachi. Surjani Town and if true, speaks/shouts of our collective apathy. Can't even begin to imagine the helplessness of a family who sought refuge in death.”

dos preços globais de *commodities* após a invasão russa na Ucrânia, uma moeda enfraquecida e um esgotamento das reservas cambiais (WORLD BANK, 2023; ZEB, 2023), sendo o enfraquecimento da rúpia consequência de um teto cambial do governo e uma medida permitida para garantir o financiamento do FMI, tendo também como efeito o aumento da inflação (HUSSAIN, 2023; ALJAZEERA, 2023). Igualmente, as políticas inconsistentes que envolveram um aperto monetário e o já citado teto para a taxa de câmbio levaram ao presente esgotamento das reservas cambiais (ZEB, 2023). Da mesma forma, em um último relatório do Moody's Investor Service (ZEB, 2023), houve um alerta sobre a possibilidade de inadimplência do país com o vencimento dos US\$7 bilhões em pagamentos de dívidas nos próximos meses, e, caso o empréstimo do Fundo Monetário Internacional seja adiado novamente, a crise econômica pode apenas piorar pela baixa histórica das reservas cambiais. Sendo as reservas estrangeiras de apenas US\$9,82 bilhões e US\$4,24 bilhões para o Banco do Estado do Paquistão, esse valor é suficiente para arcar apenas com apenas três semanas de importações (ZEB, 2023). Como consequência das citadas crises de dívidas e dos altos déficits fiscais, o governo se torna incapaz de prover segurança alimentar para a sua população (GUPTA, 2023), temática que se afasta diretamente da concentração estatal na medida em que a recuperação econômica de forma mais direta e ampla assume o primeiro lugar, gerando as consequências mortais citadas no início do presente texto. Dessa forma, considerando todo esse cenário e essa economia que não produz o suficiente, gasta demais e rejeita as condições do FMI (AFZAL, 2023), deve-se pensar como é possível resolver a crise que se instaurou no país, sendo uma dessas vias o já citado FMI.

Em 2019, o Paquistão assinou um pacote de resgate de 6,5 bilhões de dólares com o Fundo, sendo outros 1 bilhão de dólares adicionados um ano depois ao programa para fortalecer sua economia prestes a entrar em colapso. Todavia, o primeiro pagamento de 1,1 bilhão está parado e só será liberado se o governo paquistânes implementar as medidas estabelecidas pelo credor.

O Fundo Monetário Internacional solicitou que o Paquistão remova os subsídios de energia e combustível e transfira para uma taxa de câmbio baseada no mercado, além de elevar a taxa geral dos impostos sobre bens e

serviços para um mínimo de 18% dos atuais 17% (HUMAN RIGHTS WATCH, HRW, 2023). Nesse contexto, o primeiro-ministro do Paquistão, Shahbaz Sharif, sobre o processo de negociação, deixou claro que os pré-requisitos para desbloquear a ajuda financeira são inimagináveis para um país sem recursos, mas que não há outra alternativa para enfrentar e superar a crise econômica (REUTERS, 2023).

Assim, nos primeiros meses de 2023, seguindo com a agenda do FMI de crescimento da receita para 170 bilhões de rúpias (627 milhões de dólares), o governo paquistanês lida com os desdobramentos das reformas tributárias e estruturais que afetaram a já fragilizada sociedade paquistanesa. A inflação baseada no Índice de Preços ao Consumidor (IPC) saltou para 31,5% em fevereiro em comparação ao ano anterior, a mais alta desde 1974, conforme os dados divulgados pelo Bureau de Estatísticas do Paquistão. Em paralelo, a rupia, moeda oficial do Paquistão, teve uma queda de 1,7% do seu valor em relação ao dólar e de quase 15% desde o início do ano civil após o governo relaxar o controle da taxa de câmbio (AL JAZEERA, 2023).

A crise multidimensional do Paquistão vai muito além do fator econômico, e, como dito, a sociedade paquistanesa tem sofrido com as consequências, estando também à beira de um colapso com dificuldades de garantir seus direitos e necessidades básicas. Sob essa conjuntura, a *Human Rights Watch*, em um comunicado divulgado em fevereiro deste ano, instou o FMI a trabalhar em conjunto com Islamabad, e mitigar as consequências imediatas do acordo financeiro para os mais vulneráveis. A diretora associada da HRW para Ásia, Patricia Grossman, enfatizou que “[m]ilhões de paquistaneses foram empurrados para a pobreza e tiveram negados seus direitos sociais e econômicos fundamentais [...] O FMI e o governo paquistanês têm a responsabilidade de enfrentar esta crise de forma a priorizar e proteger as pessoas de baixa renda.” (DAWN, 2023).

A partir da presente exposição, então, a situação atual do Paquistão e sua economia pode ser resumida de forma clara. Enfrentando desastres naturais – como as enchentes do ano passado –, problemas econômicos internos e questões externas – como a invasão russa à Ucrânia, que aumentou os preços

do óleo e petróleo –, o país pode ver em uma de suas soluções o FMI e a mudança na forma como a sua economia é conduzida, atualmente produzindo pouco e gastando muito. Porém, a ajuda do Fundo não é gratuita, e suas diversas medidas – aumento de impostos, redução de subsídios, manutenção da taxa de câmbio baseada no mercado e fortalecimento da independência do banco central (ZEB, 2023) –, podem ter como consequências a redução na renda disponível, a redução do consumo e dos investimentos e, também, o aumento da inflação (ZEB, 2023). Nesse cenário, cabe ao governo paquistanês, garantir a distribuição justa dos custos dessas reformas econômicas e aprimorar seus programas sociais para os mais vulneráveis, arriscando, caso não o faça, a manutenção da atual situação, com famílias mais pobres encontrando na morte a solução para o seu desamparo e a impossibilidade de garantir o básico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFZAL, Madiha. Pakistan: Five major issues to watch in 2023. **Brookings**, 13 jan. 2023. Disponível em <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2023/01/13/pakistan-five-major-issues-to-watch-in-2023/>. Acesso em 16 abr. 2023.

AHMED, Amin. IMF ‘adjustments’ will not bring relief, warns HRW. **DAWN**, 18 abr. 2023. Disponível em <https://www.dawn.com/news/1735980/imf-adjustments-will-not-bring-relief-warns-hrw>. Acesso em 16 abr. 2023.

HUSSAIN, Abid. Pakistan says it agrees to IMF terms on release of \$1.1bn payout. **AL Jazeera**, 10 fev. 2023. Disponível em <https://www.aljazeera.com/news/2023/2/10/pakistan-says-it-agrees-to-imf-terms-on-release-of-1-1bn-payout>. Acesso em 16 abr. 2023.

AL JAZEERA. Pakistan’s CPI soars to highest rate in nearly 50 years. **Al Jazeera**, 1 mar. 2023. Disponível em <https://www.aljazeera.com/economy/2023/3/1/pakistans-cpi-soars-to-highest-rate-in-nearly-50-years>. Acesso em 16 abr. 2023.

GUPTA, Manoj. Pakistan's Poor Resort to Suicide amid Food Crisis, Rising Inflation. **News18**, 18 mar. 2023. Disponível em <https://www.news18.com/world/pakistans-poor-resort-to-suicide-amid-food-crisis-rising-inflation-7323799.html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

HUMAN RIGHTS WATCH. Pakistan: IMF Bailout Should Advance Economic Rights. **Human Rights Watch**, 6 fev. 2023. Disponível em <https://www.hrw.org/news/2023/02/06/pakistan-imf-bailout-should-advance-economic-rights>. Acesso em 16 abr. 2023.

HUSSAIN, Tom. 'Unimaginably high' food inflation grips Pakistan at Ramadan as debt woes mount, Imran Khan stirs the pot. **South China Morning Post**, 27 mar. 2023. Disponível em <https://www.scmp.com/week-asia/economics/article/3214962/unimaginably-high-food-inflation-grips-pakistan-ramadan-debt-woes-mount-imran-khan-stirs-pot>. Acesso em 16 abr 2023.

JAIN, Alka. Economic crisis forcing many Pakistanis to end their lives. **Mint**, 18 mar. 2023. Disponível em <https://www.livemint.com/news/world/economic-crisis-forcing-many-pakistanis-to-end-their-lives-11679111067227.html>. Acesso em 15 abr 2023.

REUTERS. Em meio a uma forte turbulência econômica, Paquistão oferece risco de calote. **G1**, 01 fev. 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/02/01/em-meio-a-uma-forte-turbulencia-economica-paquistao-oferece-risco-de-calote.ghtml>. Acesso em 16 abr. 2023.

SHAHZAD, Asif. IMF giving Pakistan tough time in 'unimaginable' economic crisis - PM. **REUTERS**, 3 fev 2023. Disponível em <https://www.reuters.com/world/asia-pacific/imf-giving-pakistan-tough-time-over-unlocking-funds-pm-says-2023-02-03/>. Acesso em 16 abr. 2023.

TARIQ, Summaiya Syed. Cause given as joblessness and inability to make ends meet. This is in the midst of Karachi. Surjani Town [...]. Karachi, 17 mar. 2023. Twitter: @DrSueTariq. Disponível em <https://bit.ly/407AVVW>. Acesso em 15 abr. 2023.

VIGGIANO, Giuliana. Começa o Ramadã; entenda o mês sagrado dos muçulmanos. **G1**, 22 mar. 2023. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/03/22/comeca-o-ramada-entenda-o-mes-sagrado-dos-muculmanos.ghtml>. Acesso em 15 abr 2023.

WORLD BANK. Sustained Reform Commitment is Needed to Overcome Pakistan's Economic Crisis. **World Bank**, Press Release, 4 abr. 2023. Disponível em <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2023/04/03/sustained-reform-commitment-is-needed-to-overcome-pakistan-s-economic-crisis>. Acesso em 16 abr 2023.

ZEB, Sania. The Socio-Economic Impact of the Delayed IMF Bailout Program in Pakistan. **The Diplomat**, 02 abr. 2023. Disponível em <https://thediplomat.com/2023/04/the-socio-economic-impact-of-the-delayed-imf-bailout-program-in-pakistan/>. Acesso em 16 abr. 2023.





## COOPERAÇÃO E LIDERANÇA DA AUSTRÁLIA INTENSIFICAM A SEGURANÇA NA REGIÃO DA ÁSIA-PACÍFICO

Matheus Lopes de Albernaz

Sofia Mendes Magalhães

A Austrália tem se tornado cada vez mais relevante na esfera de segurança na região da Ásia-Pacífico, intensificando a cooperação internacional e liderando iniciativas com o propósito de assegurar a estabilidade na área. A deterioração das relações entre China e Austrália corresponde à recente escalada do conflito no estreito de Taiwan, na qual Anthony Albanese, atual Primeiro-ministro da Austrália, em seus discursos designa a China como uma crescente ameaça externa. Essa representação emergente da China como ameaça à conjuntura internacional proporcionou uma ação conjunta, com o fortalecimento militar e a formação de alianças estratégicas, como, por exemplo, a aliança estratégica de segurança tripartite de 2021, o “AUKUS pact”.<sup>1</sup> O pacto visa ao auxílio dos EUA e do Reino Unido à Austrália para a aquisição de submarinos de propulsão nuclear, mas é criticado pelo governo chinês.

A China com seu potencial econômico e exportador global utiliza intensamente das rotas marítimas do Pacífico e do Índico, o que acarreta tensões nos territórios marítimos, agravando a segurança regional. A capacidade de influência da China é analisada pelos demais países da região, que, no contexto atual, preparam-se para um possível fortalecimento militar chinês, logo a Austrália é um ator fundamental na geopolítica regional e global para conter esse crescimento. A Austrália, além de uma localização geoestratégica e uma diplomacia prepotente, corrobora um histórico contínuo de cooperação com os Estados Unidos (EUA) e o Reino Unido. Assim, a proliferação multilateral e unilateral de cooperação e diálogo, como o AUKUS, são uma tentativa de estabelecer a segurança e conter o avanço militar chinês, no contexto da ameaça de invasão de Taiwan (REIS, 2023).

O posicionamento e ação da Austrália na região do Indo-Pacífico são respostas à ascensão chinesa na região. Entretanto, a formação de alianças, como o AUKUS, e a aquisição de submarinos nucleares, apesar de adotadas pelo Governo australiano como medidas de fortalecimento e capacitação da Defesa

---

<sup>1</sup> O pacto de AUKUS, é uma aliança estratégica de segurança tripartite de 2021 entre a Austrália, o Reino Unido e os Estados Unidos com a finalidade de compartilhamento intelectual e tecnológico e de cooperação militar. [AUKUS, "A" de Austrália, "UK" de Reino Unido e "US" de Estados Unidos].

Nacional e do potencial de influência da Austrália na Ásia-Pacífico, foram recebidos negativamente pela China. Assim, embora a segurança regional seja uma preocupação legítima, é fundamental garantir que as ações da Austrália, conforme os discursos do seu primeiro-ministro, não levem a uma escalada das tensões com a China, para promover a estabilidade e prosperidade por meio de cooperações multilaterais regionais (THE WHITE HOUSE, 2023; MAUDE, 2023).

A China contesta a obtenção de submarinos com propulsão nuclear com o argumento de que a Austrália estaria violando o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares de 1968, (TNP, sigla em inglês) e o Tratado de Rarotonga de 1985, mas essa alegação é equivocada. O TNP demanda que os Estados nuclearmente armados e signatários do tratado sejam proibidos de repassar armas nucleares, mas como esclarecido pelo AUKUS pact, os submarinos de propulsão nuclear não dispõem de armas nucleares. Trata-se somente de uma substituição da gasolina por um combustível mais eficaz, e como especificado pela cláusula no quarto artigo do TNP, há permissão para o uso em fins pacíficos de materiais nucleares (THE ECONOMIST, 2021). Quanto ao Tratado de Rarotonga,<sup>2</sup> que estabelece o princípio manter uma zona livre de armas nucleares no Pacífico Sul, não impede o uso de propulsão nuclear como motor e não um armamento. Dessa forma, é compreensível a apreensão da China, mas as justificativas apresentadas são insuficientes para impedir a progressão do AUKUS (SANDERS, 2023).

Com a escalada das tensões na região, especialmente pelos recentes exercícios militares feitos pela China ao redor da costa de Taiwan, Washington mantém e reitera sua postura de compromisso em defender Taiwan em caso de um ataque chinês na ilha. Como dito anteriormente, a AUKUS tem a função de lidar com a China cada vez mais assertiva e manter a segurança na região, englobando, portanto, o conflito China e Taiwan. Porém, o Ministro da Defesa australiano, Richard Marles destacou que não foram feitas promessas para os EUA de suporte a Taiwan em caso de conflito com a China em troca dos submarinos americanos; e que os submarinos são puramente para manter a segurança nas rotas comerciais na região do Indo-Pacífico (ABC NEWS, 2023).

Ainda assim, a aliança com EUA e Reino Unido fará com que a Austrália sofra

---

2 Também conhecido como Tratado da Zona Livre de Armas Nucleares do Pacífico Sul, é um acordo regional que apoia o Tratado de Não Proliferação Nuclear.

pressão desses atores para adentrar num possível conflito (BROOKINGS, 2023).

O Governo australiano, ao mesmo tempo, em que tenta normalizar suas relações diplomáticas comerciais com Pequim, faz parte de uma aliança que o protegeria de possíveis ambições mais ofensivas da China. Adicionalmente, é um “aliado de confiança dos EUA” e possui fortes relações comerciais com Taiwan, mesmo sendo adepto a política de uma China, conforme a um comunicado emitido pelo governo australiano escrito em 1972, que abria brecha para que o país pudesse manter relações com ambos Taipé e Pequim: “Esta declaração criou uma base flexível, segura e duradoura para as relações tanto com Pequim quanto com Taipé, que se alinhou com mudanças nas relações Taiwan-China.” (HARRISON, 2017). Todos esses fatores fazem com que a Austrália, dentro de seu “jogo de interesses”, tenha que ser cautelosa com suas decisões políticas para que não se desfavoreça no atual cenário da região.

A atual conjuntura da região vem evidenciando o aumento da relevância da Austrália nos assuntos relacionados à segurança e paz na Ásia-Pacífico, especialmente com a formação da aliança estratégica AUKUS que eleva o potencial militar australiano e conseqüentemente seu poder na região. No entanto, com um maior protagonismo na região, dado que Canberra possui relações diplomático-comerciais tanto com Washington quanto com Pequim, as decisões e políticas australianas irão causar maior impacto na região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEPARTMENT OF FOREIGN AFFAIRS AND TRADE, **Australia-Taiwan relationship**, Australia, Australian Government. Disponível em <https://www.dfat.gov.au/geo/taiwan/australia-taiwan-relationship/>. Acesso em 15 abr. 2023.

HAYWARD-JONES, J. Australia and Security in the Pacific Islands Region. In: **Regionalism, Security & Cooperation in Oceania**, Havaí: Daniel K. Inouye Asia-Pacific Center for Security Studies, 2015. P. 67-78.

HARRISON, M. Australia’s One-China Policy and why it matters. **Lowy Institute**, Austrália, out. 2017. The Interpreter. Disponível em <https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/australia-s-one-china-policy-why-it-matters>. Acesso em 14 abr. 2023.

MCGREGOR, R., *Australia's caution on Taiwan may not last*, Washington, D.C., Brookings. Mar. 2023. Disponível em <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2023/03/29/australias-caution-on-taiwan-may-not-last/>. Acesso em 15 abr. 2023.

THE DIPLOMAT. *Leaping Into the Unknown: AUKUS and Australia's Nuclear Submarines*. *The Diplomat*, 15 mar. 2023. Disponível em <https://thedi diplomat.com/2023/03/leaping-into-the-unknown-aukus-and-australias-nuclear-submarines/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

THE ECONOMIST. *What does the Australian submarine deal mean for non-proliferation?* *The Economist*, 17 set. 2021. Disponível em <https://www.economist.com/international/2021/09/17/what-does-the-australian-submarine-deal-mean-for-non-proliferation>. Acesso em: 15 abr. 2023.

THE WHITE HOUSE. *Fact Sheet: Trilateral Australia-UK-US Partnership on Nuclear-Powered Submarines*. 2023. Disponível em <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2023/03/13/fact-sheet-trilateral-australia-uk-us-partnership-on-nuclear-powered-submarines/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

REIS, Lohanna. *AUKUS, o QUAD e o papel da Austrália na segurança da região do Indo-Pacífico*. *Atlas Report*, [S.l.], 31 Jan. 2023. Disponível em <https://atlasreport.com.br/aukus-o-quad-e-o-papel-da-australia-na-seguranca-da-regiao-do-indo-pacifico/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SANDERS, Lauren. *Nuclear-powered submarines and Australia's non-proliferation obligations*. *Australian Strategic Policy Institute*, 20 Mar. 2023. Disponível em <https://www.aspistrategist.org.au/nuclear-powered-submarines-and-australias-non-proliferation-obligations/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

WHITLAM, G., *Joint Communique of The Australian Government of the People's Republic of China Concerning The Establishment of Diplomatic Relations Between Australia and China*, Austrália, Australian Government, 1972.

# 5

## OS NOVOS CAPÍTULOS DA RELAÇÃO INDONÉSIA-SINGAPURA: PRAGMATISMO, SEGURANÇA E DESENVOLVIMENTO

Guilherme Uram

Mariana Azevedo Soares Quintanilha

Em março de 2023, o presidente da Indonésia, Joko “Jokowi” Widodo, visitou Singapura em meio a um momento de grandes avanços nas relações entre ambos os países. A ratificação prévia pela Indonésia de três acordos com Singapura, relacionados a questões de manuseamento de espaço aéreo, cooperação em defesa e de extradição de fugitivos sob o *2022 Expanded Framework Agreements*<sup>1</sup> contribuiu bilateralmente para a remediação de danos na relação Indonésia-Singapura e abriu caminho para o aprofundamento de seu engajamento em áreas estratégicas de benefício mútuo. (THE DIPLOMAT, 2023). O relacionamento dos países é historicamente descrito por linhas de tensão e períodos de proximidade e cooperação.

A era de hostilidade começou ainda em 1963 com o confronto entre Indonésia e Malásia que acabou sendo refletido também em Singapura, desde que, na época, o país fazia parte do território malaio. A partir de 1966, as relações foram sujeitas a várias trocas ásperas, no entanto, interrupções internacionais e alternância de líderes internos proporcionaram ocasionalmente políticas obstrutivas intercaladas com declarações de intenção cooperativa e relações estreitas contínuas em muitas áreas. (HAMILTON-HART, p. 250, 2009). Além do mais, com a criação da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)<sup>2</sup>, em 1967, surge no campo multilateral um instrumento de diálogo e cooperação que permitiu não somente que as nações expusessem pacificamente seus interesses próprios mas também que as relações entre Singapura e Indonésia

---

1 Em 17 de janeiro de 2023, o Ministério das Relações Exteriores de Singapura confirmou que o país concluiu seus processos legais internos para ratificar os instrumentos bilaterais que compõem os *2022 Expanded Framework Agreements* com a Indonésia, ou seja, o Acordo sobre o Realinhamento da Fronteira da Jakarta Flight Information Region (FIR) e a FIR de Singapura, o Tratado para a Extradição de Fugitivos e o Acordo de Cooperação em Defesa. Consistente com a Troca de Cartas de 2022, Singapura e Indonésia trocarão notificações formais de conclusão e “buscarão conjuntamente a aprovação da Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO) para os arranjos sob o Acordo FIR, e assim permitir a entrada simultânea em vigor de todos os três acordos em uma data mutuamente acordada” (HONNIBALL, 2023).

2 “A Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) foi criada em 1967 com a assinatura do Tratado de Bali sobre amizade e cooperação na Ásia sul-oriental, e entre os seus objetivos destaca-se a busca por assegurar a estabilidade política e acelerar o processo de desenvolvimento da região. A ASEAN se propõe a estabelecer uma verdadeira zona de livre comércio para, em seguida, dotar os parceiros de uma única política externa comercial, criando uma união aduaneira. O bloco busca promover o desenvolvimento econômico, social e cultural da região através de programas cooperativos, salvaguardando a estabilidade política e econômica da região, bem como servindo como fórum de discussão das diferenças intra-regionais. São Países-Membros da ASEAN: Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura e Tailândia, desde 1967; Brunei, a partir de 1984; Vietnã desde 1985; Mianmar e Laos a partir de 1997 e Camboja desde 1999” (CÂMARA DOS DEPUTADOS).

conseguissem caminhar alinhadas aos objetivos do bloco.

Quanto ao fortalecimento da relação entre os países, Singapura e Indonésia têm assinado tratados que regulam pontos de interesse, de modo a evitar conflitos e promover cooperação. Além dos acordos de aviação e de cooperação em defesa assinados em um encontro anterior em janeiro, nos quais as Forças Armadas de Singapura receberam a permissão para conduzir exercícios militares continuamente no território indonésio, o encontro mais recente trouxe também acordos de entendimento mútuo nas áreas de energia renovável, saúde e desenvolvimento urbano, entre outras (CNA, 2023). Nesse sentido, os acordos atuais procuram incentivar a produção de energia renovável na Indonésia, boas práticas na construção de infraestrutura sustentável, visando a construção da nova capital Nusantara, um programa de intercâmbio para profissionais de tecnologia, a troca de dados e tecnologia do setor de saúde, além de uma estrutura de assistência mútua em casos de desastres naturais (ASEAN BRIEFING, 2023). Vale adicionar que, desde 2014, Singapura tem sido o maior investidor estrangeiro da Indonésia, com valor total investido de 13 bilhões de dólares, principalmente nos setores de manufatura, energia e logística.

Em vista de planos para realocar sua capital, a administração indonésia identifica a oportunidade de investimento vindo de Singapura como instrumental para a idealização do projeto estimado em 34 bilhões de dólares. (BLOOMBERG, 2022). Dessa forma, com a ordem de concluir o projeto de infraestrutura, considerado essencial para a estabilidade econômica do país, até 2024, a incerteza dos investidores interessados até o momento, e o iminente risco ambiental na atual capital, responsável por 16.5% do PIB nacional, Widodo afirma que a nova capital Nusantara será “um novo centro de gravidade econômico” e indicativo de uma nova fase de desenvolvimento econômico no país (THE WSJ, 2023). No recente encontro entre os dois líderes, no qual ambos estabeleceram a base para um programa bilateral de desenvolvimento tecnológico, Widodo expressou que havia pelo menos 20 declarações de compromisso de empresas de Singapura interessadas na construção da nova capital da Indonésia.

A diplomacia traçada em torno do planejamento de Nusantara visa melhorar a autoimagem da Indonésia em suas relações externas ao mesmo tempo em que anima o espírito nacionalista de sua população. É por meio desse prisma

diplomático que a Indonésia está envolvendo suas relações bilaterais com outros países no Sudeste Asiático, e assim, permitindo que Singapura se beneficie do projeto de Nusantara e amplifique seus ganhos econômicos em termos de comércio e investimento. A prática da diplomacia de Nusantara na política externa indonésia é essencial para levar as relações Indonésia-Singapura para o próximo nível de engajamento bilateral, além de que também reforça o desempenho ativo da Indonésia na atuação regional e multilateral, principalmente por meio da ASEAN (THE DIPLOMAT, 2023).

A crescente aproximação com a Indonésia, principalmente em temas de segurança, demonstra uma certa ruptura do paradigma diplomático de Singapura no que se diz sobre sua histórica aproximação militar com o Ocidente, mais especificamente com os Estados Unidos. As relações com as principais potências ocidentais têm sido um fator significativo para sustentar a segurança de Singapura desde que seus líderes políticos propuseram a separação da Malásia, em julho de 1965 (YAACOB, 2023). Mesmo que os laços com o Ocidente ainda sejam considerados essenciais para a manutenção da estratégia de defesa singapurense, é notório como uma maior entonação da diplomacia regional nesse âmbito vem sendo construída nos últimos tempos. Isso pode ser visto principalmente pelos recentes diálogos com a Indonésia sobre o estabelecimento de desenvolvimentos geopolíticos conjuntos nas áreas de segurança e defesa, além de discussões propositivas que fomentam pensar em meios pelos quais os estabelecimentos militares de ambos os países podem trabalhar juntos para a paz e segurança regionais.

Quanto mais robustas forem as relações entre Indonésia e Singapura, mais forte e coesa a ASEAN será como organização, dada a importância desse relacionamento bilateral para a região (THE DIPLOMAT, 2023). A cooperação Indonésia-Singapura representa uma frente ampla de liderança do grupo, principalmente para lidar com desafios regionais como o caso de Mianmar. No último mês, o primeiro-ministro de Singapura, Lee Hsien Loong, afirmou que a cidade-estado trabalhará com a Indonésia e outros países do Sudeste Asiático, bem como parceiros das Nações Unidas, para pressionar os governantes militares de Mianmar a implementar um plano de paz que está estagnado.

Com as perspectivas críticas alinhadas sobre o caso, ambos os países se comprometeram a trabalhar em conjunto para avançar o desenvolvimento de paz na organização internacional (NIKKEI ASIA, 2023). Mesmo perante um

histórico de reviravoltas e tensões que marcaram a relação bilateral entre Singapura e Indonésia, é perceptível um amadurecimento da parceria nesses últimos anos. Especialistas esperam que as relações amigáveis perpetuem mesmo nas próximas mudanças de governo (THE DIPLOMAT, 2023), um otimismo que perdura a expectativa de que a próxima geração de representantes de Estado reconheçam as vantagens mútuas trazidas por essa trajetória de cooperação e multilateralismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDUL RAHMAN YAACOB. How relations with the West underpin Singapore's defence. East Asia Forum. Disponível em <<https://www.eastasiaforum.org/2023/02/04/how-relations-with-the-west-underpin-singapores-defence/>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

HAMILTON-HART, Natasha. Indonesia and Singapore: Structure, Politics and Interests. Contemporary Southeast Asia, ISEAS: Yosuf Ishak Institute, Vol. 31, No. 2, pp. 249-271, 2009.

HONNIBALL, A N. Singapore/Indonesia: Domestic Ratification of 2022 Expanded Framework Agreements. De Maribus. Disponível em <<https://demaribus.net/2023/03/07/singapore-indonesia-domestic-ratification-of-2022-expanded-framework-agreements/>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MEDINA, Ayman. Indonesia and Singapore Sign Six MoUs to Enhance Bilateral Ties. ASEAN Briefing, 18 de Abr. de 2023. Disponível em <<https://www.aseanbriefing.com/news/indonesia-and-singapore-sign-six-mous-to-enhance-bilateral-ties/>>. Acesso em 17 de Abr. 2023.

MOKHTAR, Faris. Ambitious Plans to Build Indonesia a Brand New Capital City Are Falling Apart. Bloomberg.com. Disponível em <<https://www.bloomberg.com/news/features/2022-12-05/indonesia-s-new-rainforest-city-president-jokowi-s-nusantara-plans-face-trouble#xj4y7vzkg>>. Acesso em: 18 abr. 2023.



YEOH, Grace. Singapore, Indonesia tech professionals to work in each other's industries under new agreement. **Channel News Asia**, 16 de Mar. de 2023. Singapore. Disponível em <https://www.channelnewsasia.com/singapore/singapore-indonesia-tech-professionals-work-countries-agreements-mou-techx-programme-leaders-retreat-3351186>. Acesso em 17 de Abr. de 2023.

YUEN-C, T. Indonesia to cooperate on energy, sustainability, health; ties in “excellent order”: PM Lee. *The Straits Times*. Disponível em <<https://www.straitstimes.com/singapore/s-pore-indonesia-to-cooperate-on-energy-sustainability-health-ties-in-excellent-order-pm-lee>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

\_\_\_\_A Maturing Pragmatism in Indonesia-Singapore Relations. *TheDiplomat.com*. Disponível em <<https://thediplomat.com/2023/04/a-maturing-pragmatism-in-indonesia-singapore-relations/>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

\_\_\_\_Singapore to push Myanmar peace plan with Indonesia, U.N., ASEAN. *Nikkei Asia*. Disponível em <<https://asia.nikkei.com/Politics/International-relations/Singapore-to-push-Myanmar-peace-plan-with-Indonesia-U.N.-ASEAN>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

\_\_\_\_Indonesia’s New, Visionary Capital. Disponível em <<https://partners.wsj.com/bkpm/bridge-to-the-future/nusantara-indonesias-new-capital-city-spearheads-quest-for-sustainable-and-inclusive-development/>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

\_\_\_\_Singapore welcomes Indonesia’s ratification of agreements on bilateral issues, including defence and extradition pacts. **Channel News Asia**, 17 de Jan. de 2023. Singapore. Disponível em <https://www.channelnewsasia.com/singapore/indonesia-singapore-agreements-extradition-treaty-fir-airspace-defence-mfa-welcomes-ratification-3211871>. Acesso em 17 de Abr. de 2023.

# 6

## AS ELEIÇÕES NA TAILÂNDIA

Beatriz Waehnelde da Silva  
Samia Abinader Franco

A Tailândia configura-se como a segunda maior economia do Sudeste Asiático e é uma monarquia constitucional com sistema parlamentarista. Entretanto, as duas importantes casas que compõem o Parlamento Nacional da Tailândia, o Senado e a Câmara dos Representantes, configuram-se como elementos decisivos para o processo eleitoral de 2023, dado o embate entre partidos de oposição e a estrutura instalada pelo regime militar que vigora no país. Dessa forma, a conturbada política da Tailândia impacta na sua capacidade de gestão interna e enfrentamento dos desafios que surgem em seu processo de desenvolvimento, pois os cursos de ação para tal são definidos pelo Governo.

Um dos maiores desafios do país é a polarização política, uma vez que os partidos da Tailândia são frequentemente divididos entre apoiadores do governo militar e da oposição. Essa divisão levou a conflitos políticos, protestos e instabilidade desde o primeiro golpe militar em 2006, especialmente devido às restrições promovidas pelos governos militares que o seguiram. Nesse sentido, as eleições de 2023 são um importante determinante da configuração do sistema político do país nos próximos anos, bem como de sua relação com os países da Ásia Pacífico e as instituições multilaterais das quais faz parte.

Dessa forma, em 2019, os tailandeses foram pela primeira vez às urnas desde o golpe militar de 2014. Uma polêmica e controversa eleição ocorreu, na qual Prayuth Chan-ocha, militar aposentado que presidiu a deposição de Yingluck Shinawatra – primeira-ministra que governou de 2011 até ser deposta pelo coup d'état – conseguiu manter-se na sua cadeira de primeiro-ministro, alcançada em 2014 por indicação da não eleita Assembléia Nacional da Tailândia, a qual era dominada por militares. Assim, em 2017, adotou-se uma nova constituição, porém, ela sofreu profundas críticas alegando que suas diretrizes aumentavam o poderio militar e reduziam a democracia do país. O Governo de Prayuth, portanto, foi marcado pelo enfrentamento de fortes críticas por supostas violações dos Direitos Humanos e restrições à liberdade de expressão. Entretanto, em uma reviravolta política, em março deste ano, o

primeiro-ministro dissolveu o parlamento, dando espaço para que as eleições ocorressem na primeira metade de maio. Desse modo, Prayuth, o atual primeiro-ministro, vai disputar as eleições com Paethongtarn Shinawatra. A candidata é filha de Thaksin Shinawatra, o ainda influente magnata, que foi retirado do poder pelo golpe militar de 2006 e exilado por ser considerado um inimigo do exército.

Ademais, durante a pandemia do coronavírus, Prayuth Chan-ocha, foi fortemente acusado por realizar ações ineficazes contra a doença e contrárias aos direitos humanos. Assim, a possibilidade de Paetongtarn assumir a liderança do país, pode significar uma virada na abordagem de políticas públicas futuras.

A candidata está liderando uma forte campanha para alcançar o cargo de primeira-ministra, pelo partido Pheu Thai. Este, por sua vez, possui um número considerável das intenções de voto por meio da apresentação de um novo conjunto de plataformas políticas. Enquanto isso, ocorre uma batalha contra o sistema instituído pelos golpes militares, que inclui a determinação de que o seu candidato precise de apenas 126 votos dos 500 que compõem o Senado, enquanto candidatos da oposição precisam de 376 dos 500 votos. Além disso, há variadas campanhas de políticas populistas apresentadas pelos partidos de oposição em disputa, os quais objetivam angariar os votos da maioria da população.

Paetongtarn Shinawatra possui a possibilidade de garantir votos por conta da simpatia da população com a candidata, uma vez que é uma mulher jovem, que demonstra estar empenhada na defesa de um governo democrático e que apoia os interesses da população. "Estamos em campanha para conseguir uma ampla vitória, porque ela nos tornará fortes o suficiente para formar um governo", acrescentou (UOL Notícias, 2023). Por outro lado, o histórico político de sua família, da mesma forma que impulsiona sua campanha, lança uma sombra de dúvida acerca de quem realmente está por trás de sua candidatura. Isso ocorre, pois, mesmo em exílio, seu pai ainda possui enorme influência no cenário político tailandês.

Sob essa ótica, como um membro fundador da Associação das Nações do Sudeste Asiático, a Tailândia é um pilar fundamental de seu funcionamento.

Nesse sentido, as turbulentas eleições que estão ocorrendo no país têm impacto na organização intergovernamental, pois uma mudança de governo afeta as políticas externas adotadas pelo país. No caso de Mianmar, por exemplo, a ASEAN tem falhado em implementar uma iniciativa de paz no país, devido ao suposto apoio da Tailândia à junta militar que tomou o controle do país, o que é apontado pois há fortes relações diplomáticas e econômicas entre os Governos.

Ademais, tal instabilidade política pode afetar a capacidade da Tailândia de atrair investimento estrangeiro direto. Desse modo, isso seria extremamente prejudicial para sua economia, dado que essa é uma das causas do seu sucesso econômico na região. Isso ocorre, pois o país utiliza-se de estratégias de atração, promovidas pelo Governo, muito vantajosas para investidores que desejam fazer negócios na Ásia, especialmente na área de tecnologia.

Logo, em uma disputa acirrada entre o sistema político militar e sua mais forte oponente, não é possível prever qual será o resultado, mas não há dúvidas acerca do profundo impacto que ele terá na sociedade tailandesa. Considerando-se, que a possível mudança de governo impacta diretamente na gestão de políticas públicas e da política externa do país. “Uma eleição ocorrida em um sistema profundamente falho e em uma atmosfera de medo não terá legitimidade democrática.” (HUMAN RIGHTS WATCH, 2023).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Asian News Network. Thai election could sway Asean's future Myanmar engagement. Yvette Tanamal. 5 de abr. de 2023. Disponível em <https://asianews.network/thai-election-could-sway-aseans-future-myanmar-engagement/> Acesso em Abril de 2023.

BBC News Brasil. Tailândia vai às urnas pela 1ª vez após golpe militar. BBC News Brasil, 24 mar. 2019. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47686051> Acesso em Abril de 2023.

CNN World. A coup ousted her father. Now she's taking on the military in Thailand's election. **CHEN Heather e OLARN Kocho**, 8 abr. 2023. Disponível em <https://edition.cnn.com/2023/04/08/asia/paetongtarn-shinawatra-thaksin-daughter-thailand-election-intl-hnk/index.html> Acesso em Abril de 2023.

G7. Candidatos políticos da Tailândia se inscrevem para as eleições de maio. **G7**, abr. 2023. Disponível em <https://g7.news/noticias/2023/04/03/candidatos-politicos-da-tailandia-se-inscrevem-para-as-eleicoes-de-maio>. Acesso em Abril de 2023.

Human Rights Watch. Thailand: Upcoming Election Fundamentally Flawed. **Human Rights Watch**, 6 abr. 2023. Disponível em <https://www.hrw.org/news/2023/04/06/thailand-upcoming-election-fundamentally-flawed>. Acesso em Abril de 2023.

Thailand Board Of Investment. Thailand's Rankings. **Thailand Board Of Investment**, 30 mar. 2023. Disponível em [https://www.boi.go.th/index.php?page=thailand\\_rankings](https://www.boi.go.th/index.php?page=thailand_rankings) Acesso em Abril de 2023.

The Guardian. Thailand: Paetongtarn Shinawatra leads polls as country heads towards election. **Rebecca Ratcliffe**, 20 mar. 2023. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2023/mar/20/thailand-paetongtarn-shinawatra-leads-polls-election>. Acesso em Abril de 2023.

UOL Notícias. Primeiro-ministro da Tailândia dissolve o Parlamento e país terá eleições. **UOL Notícias**, 20 Abr. 2023. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/03/20/primeiro-ministro-da-tailandia-dissolve-o-parlamento-e-pais-tera-eleicoes.amp.htm>. Acesso em Abril de 2023.

Veja. Milhares vão às ruas contra má gestão da pandemia na Tailândia. **Ernesto Neves**, 11 ago. 2021. Disponível em <https://veja.abril.com.br/mundo/milhares-vao-as-ruas-contrama-gestao-da-pandemia-na-tailandia/> Acesso em Abril de 2023.



## O JAPÃO E FLEXIBILIZAÇÃO DE RESTRIÇÕES

Fábio Antonio Gomes de Carvalho Almeida

Rubens Americano Alves de Brito Araujo

A pandemia da Covid-19, em 2023, ainda não deixou de existir, ao contrário do que se pode pensar. Ainda há uma variedade de preocupações, como, por exemplo, o surgimento de novas variantes, taxas oscilantes de vacinação no mundo e mortes que ainda decorrem da doença e que atestam que a pandemia, embora atenuada, continua a nos assolar, tanto no tempo presente quanto em um futuro hipotético (PARKS, 2023). Contudo, como consta em um recente relatório epidemiológico da Organização Mundial da Saúde (OMS), houve uma queda, global, de 31% no número de casos confirmados e de 46% no número de mortes nos últimos 28 dias (20 de fevereiro até 19 de março) em comparação aos 28 dias anteriores (23 de janeiro até dia 19 de fevereiro) (WHO, 2023). Mesmo que seja importante mencionar que existem diferenças regionais, e que houve em algumas regiões um aumento do número de casos no mesmo espaço de tempo, é também importante pontuar que certos países viram, dentro do mesmo limite de tempo, uma diminuição significativa no número de casos e mortes: um deles, e talvez um dos principais, é o Japão (WHO, 2023).

O país, embora esteja entre um dos maiores casos reportados no mundo nos últimos 28 dias, viu uma queda de 73% dos casos confirmados e de 71% das mortes em comparação aos 28 dias anteriores (WHO, 2023). Isso indica, como aponta o relatório, que o Japão, assim como a região ao oeste do Pacífico de maneira geral, vive um período de queda no número de casos e mortes, apesar de o Japão, assim como China e República Democrática da Coreia, ter reportado um dos maiores números de casos na região (WHO, 2023). A queda na quantidade de casos e as prospecções positivas para o país andam conforme o afrouxamento das rígidas políticas de restrição que o Japão empregou desde o início da pandemia em 2020 (MAEMURA, 2022; PRESS, 2023). Em março de 2023, o governo japonês retirou o uso obrigatório de mascarar, deixando que essa decisão se limite ao indivíduo; porém, o

---

<sup>1</sup> Globalmente, de 20 de fevereiro até 19 de março, houve 3,7 milhões de casos confirmados e 26 mil mortes (WHO, 2023).

<sup>2</sup> A região do Mediterrâneo Oriental, em comparação com as outras regiões do mundo contempladas pelo relatório, comunicou o maior aumento do número de casos nos últimos 28 dias em comparação aos 28 dias anteriores, marcando, no total, um acréscimo de 89% (WHO, 2023).

primeiro-ministro, Fumio Kishida, ainda sugeriu que a máscara fosse usada em espaços com pouca ventilação, ambientes onde frequentam pessoas idosas e perto de pessoas com comorbidades (KAWASAKI e TAKE, 2023).

Contudo, apesar das perspectivas otimistas, a população japonesa aparenta manter-se resistente a abolir, por completo, o uso da máscara durante todo o tempo. A partir de uma recente enquete conduzida pelo governo metropolitano de Tóquio, acima de 70% da população da cidade pretende continuar com o uso de máscara, mesmo após o afrouxamento de sua obrigatoriedade (OVER ..., 2023). A população da metrópole, de maneira geral, também parece não estar abalada com a recente decisão do governo de igualar, em termos da gravidade de seus sintomas, o Covid-19 à influenza sazonal, que é comum no mês de maio (OVER ..., 2023). O que se pode pensar a partir de tudo isso é que surge um problema, ou uma questão, que se apresenta por meio de uma cisão entre a regra e a norma. Ou seja, a regra, a lei positivada, afirma ser aceitável socialmente, na maioria das circunstâncias, retirar a máscara em ambientes abertos; contudo, a norma, entendida simplesmente enquanto um padrão de comportamento, parece entrar em conflito com a regra determinada pelo governo. Isso, no caso japonês, pode ser reflexo de um profundo enraizamento histórico cultural particular à sua sociedade.

Essa resistência em abandonar certas medidas sanitárias como o uso de máscaras entre os japoneses pode ser traçada até o início do século XX. Quando a gripe espanhola se espalhou pelo mundo em 1918, o Japão foi duramente atingido pela doença, principalmente nos grandes centros urbanos como Tóquio e Yokohama. O governo japonês agiu rapidamente para controlar a propagação da doença, adotando medidas como o fechamento de escolas, cinemas e outros espaços públicos, além da proibição de grandes reuniões. Logo as máscaras faciais também se tornaram amplamente utilizadas como medida de prevenção. Apesar de todas as medidas de prevenção, entre 230.000 e 430.000 pessoas morreram com a propagação da doença pelo país. (ANYIAM-OSIGWE; SCHMITZ, 2021).

O governo e a população japonesa também tiveram de lidar com outras doenças ao longo dos séculos XX e XXI, como o vírus H3N2 em 1968, a síndrome respiratória aguda grave (SARS) em 2003 e a gripe suína (H1N1) em 2009. Essas experiências não só prepararam o governo japonês para lidar com crises

sanitárias como também ajudaram a criar uma cultura em torno da prevenção de doenças e do uso de máscaras.

A pandemia de Covid-19 certamente trouxe novos desafios ao Japão moderno e sua população, mas o país tem se mostrado cada vez mais capaz de enfrentar esses desafios, que têm sido levados muito a sério desde o início pelo governo, que mostra que não há nada que não possa ser superado por anos de experiência na resolução de grandes crises sanitárias de um país que certamente possui um dos melhores sistemas de saúde do mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANYIAM-OSIGWE, Tetsekela; SCHMITZ, Jacques. 100 years and counting of mask wearing in Japan. **Vaccines Work, Gavi**. 2021. Disponível em: [100 years and counting of mask wearing in Japan | Gavi, the Vaccine Alliance](#). Acesso em: 19 de abr. 2023

MAEMURA, Akira. Japan's tight COVID rules stand out as virus risk ebbs. **Nikkei Asia**. 13 de ago. 2022. Disponível em: <https://asia.nikkei.com/Spotlight/Coronavirus/Japan-s-tight-COVID-rules-stand-out-as-virus-risk-ebbs>. Acesso: 27 de mar. 2023.

OVER 70% of Tokyoites to keep wearing masks after gov't downgrades COVID status: poll. **The Mainichi**. 24 de mar. 2023. Disponível em: <https://mainichi.jp/english/articles/20230324/p2a/00m/0na/028000c>. Acesso: 27 de mar. 2023.

PARK, Alice. So, Is the Pandemic Over Yet? **TIME**. 08 de fev. 2023. Disponível em: <https://time.com/6253890/is-pandemic-over-biden-covid-19/>. Acesso em: 02 de abr. 2023.

PRESS, Associated. Masks stay put in Japan even as 3-year request to wear them ends. **NBC NEWS**. 13 de mar. 2023. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/world/masks-japan-3-year-request-dropped-covid-rcna7461>. Acesso: 15 de mar. 2023.

WHO. **Covid-19 Weekly Epidemiological Update**. Ed. 135, 22 de mar. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/weekly-epidemiological-update-on-covid-19---22-march-2023>. Acesso: 27 de mar. 2023.





LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO



Instituto  
de Relações  
Internacionais



PUC  
RIO

